

# Opinião



P.E. RUI ROSAS DA SILVA

## Uma procissão do Corpo de Deus

Quinta-feira, no nosso país, celebrou-se a Solenidade do Corpo de Deus, que, em muitas povoações, — aldeias, vilas e cidades —, teve como programa mais chamativo, em geral da parte da tarde, a tradicional Procissão. Nesta, como que Jesus Cristo, com toda a sua humildade de Pessoa que se oculta no Pão Eucarístico, sai às ruas para abençoar os seus fiéis e todos aqueles que O respeitam e admiram.

Na cidade onde vivo, assim foi. Depois de uma celebração eucarística presidida pelo Senhor Bispo, na qual participava mais de um milhar de pessoas, com calma e serenidade, a procissão organizou-se, colaborando várias paróquias e confrarias, que tomaram os seus lugares.

### A presença real de Cristo na Eucaristia, transforma os sacrários num local de encontro habitual. O Senhor está à nossa disposição.

E começou o trajecto, a passo lento, como é habitual nestas ocasiões, acompanhada por uma banda de música e um sacerdote que, lá à frente, ia incitando os participantes e os que apareciam junto de sua casa ou num lugar determinado, a rezar de diversas formas, dando graças ao Senhor por este “passeio” pelas ruas citadinas.

Decerto que nos sacrários das igrejas (e passámos pelo menos por duas), todo o participante desta cerimónia tão afectiva, pode encontrar o Senhor, aí O adorar e com Ele conversar com silêncio e recolhimento. Aliás, a presença real de Cristo na Eucaristia, transforma os sacrários num local de encontro habitual. O Senhor está à nossa disposição. Manifesta a sua amizade incon-

dicional para connosco, pondo-Se, pelo menos durante as horas em que as igrejas estão abertas, pronto para nos acolher e, com carinho humano e divino, receber a nossa visita e escutar as nossas palavras, sejam elas de súplica — e às vezes de súplica angustiada —, ou de demonstração do nosso amor e do nosso reconhecimento.

Um amigo abre os seus braços e o seu tempo, escolhe um local próximo e acessível para receber os amigos. É o que Cristo faz com a sua presença eucarística nos sacrários Transforma-a num chamariz fácil para nós O encontrarmos e d’Ele dispormos, num diálogo amoroso e sincero. E, quando não conseguimos entrar numa igreja em que Ele Se encontre, podemos abordá-Lo através de uma oração simples, como a chamada “Comunhão espiritual”, que os fiéis podem rezar de modos muito diferentes, embora sempre piedosos.

Mas numa procissão há, se cabe, ainda maior proximidade de Jesus Cristo. Ele sai do seu lugar habitual para o exterior e como que nos diz: “Vou aqui para abençoar a casa onde moras, as ruas que tu palmilhas, o lugar onde trabalhas, os cafés onde descansas e conversas, as lojas onde compras o que necessitas, os percursos que tu fazes mais ou menos diariamente, enfim, aproximo-me de ti para te abençoar pessoalmente e encher a tua vida quotidiana com a minha amizade”.

Era consolador ver como as pessoas, no caminho, olhavam com amor sincero a custódia que o Senhor Bispo levava. E como os turistas respeitavam a passagem da procissão, parando e, inevitavelmente, tirando uma foto com o seu telemóvel... Sempre, porém, numa atitude de quem sabe que está perante um acontecimento que requer silêncio e recato.

Alguma excepção negativa? Muito rara, tendo em conta que o percurso penetrava uma zona turística muito afamada. Na minha memória, resta talvez a de um jovem, que comia uma ‘sande’ como um troglodita esfomeado, numa exibição comportamental que não manifestava indiferença ou desafio, mas pura má educação.



EDUARDO JORGE MADUREIRA LOPES

osdiasdasemana@gmail.com

OS DIAS DA SEMANA

## A ditadura dos likes

Querer contar com mil *likes* era a pretensão benigna que se manifestava numa das quadras de S. João premiadas num concurso cujos resultados foram divulgados há dias (Fiz uma *selfie* a dançar / Em Braga no S. João / No ‘Face’ quero contar / Mil *likes* e um coração!). Nem todos, todavia, ambicionam uma profusão de *likes* com benévolas intenções. Mas seja qual for o objectivo, poucos parecem escapar a esta espécie de nova tirania que a tudo parece querer impor uma superabundância de *likes*, sem os quais a existência se submerge na irrelevância, a vida carece de razão de ser, os produtos não se adquirem e os ser-

### Seja qual for o objectivo, poucos parecem escapar a esta espécie de nova tirania que a tudo parece querer impor uma superabundância de likes, sem os quais a existência se submerge na irrelevância, a vida carece de razão de ser, os produtos não se adquirem e os serviços não suscitam o menor interesse.

viços não suscitam o menor interesse.

Todos, de facto, anseiam por *likes*. O frenesi de os dar e receber faz com que o *like* seja considerado hoje como a acção *on-line* mais praticada no mundo. Um caso de polícia divulgado no início da última semana pela Agência France-Press oferece um retrato eloquente do que alguns fazem para multiplicar o número de *likes*, assim prestando uma espantosa, ainda que fraudulenta, vassa-

lagem ao império do *like*.

A notícia dizia que três chineses foram presos na Tailândia por serem suspeitos de dirigirem uma “quinta de *likes*” ou uma “quinta de cliques”. O “*like-farming*” é, tal como o nome adoptado para designar esta nova actividade indica, “a agricultura dos *likes*”. Em vez de batatas, cebolas, cenouras ou hortaliças, semeiam-se e colhem-se *likes*. Mas onde se suporia encontrar uma actividade paciente, a de clicar no botão com a imagem de uma mão fechada e o polegar voltado para cima que se encontra nas redes sociais para assinalar que se gosta de um determinado conteúdo, os incubadores fazem nascer *likes* de aviário a um ritmo torrencial.

Os três “agricultores” detidos geriam um tráfego nas redes sociais chinesas para impulsionar um conjunto de vendas. Para o fazer, dispunham de 400.000 cartões SIM (os cartões usados nos telemóveis e *smartphones*) e cerca de 500 telefones conectados a um computador.

O trio foi preso, no domingo, num local nas imediações da fronteira cambojana. Disse a polícia que eles tinham sido contratados por várias empresas para colocar *likes* em produtos e serviços. Plantas medicinais, doces e uma companhia de viagens estão na lista dos beneficiários. Os homens não foram presos por causa do que faziam, mas por estarem na Tailândia a trabalhar, dispondo apenas de vistos de turismo. Ruengdet Thammana, dos serviços da imigração tailandesa, disse que eles não têm o direito de trabalhar sem uma autorização. A informação da France-Press referia que a Índia e as Filipinas são países conhecidos por hospedar esse género de espaços de trabalho, quase sempre mantidos em segredo, para gerar tráfego e receitas de publicidade adicional para os sites enganadores. Os suspeitos, agora detidos, acabaram por chamar a atenção da polícia porque raramente saíam do prédio e porque não falavam com os vizinhos. Os indivíduos ficaram em prisão preventiva. Nas “quintas dos *likes*” ou nas “quintas dos cliques”, os trabalhadores são remunerados para passar o tempo a inflacionar a popularidade de um indivíduo, aumentando assim o seu prestígio, ou o de uma empresa, ajudando a aumentar as vendas dos respectivos produtos ou serviços. Assim se fortalece também a ditadura dos *likes*.